

Serenidade era a promessa antes do começo.

Depois, porém, não foi exatamente assim.

Os candidatos chegaram à tevê Bandeirantes, a partir das nove da noite, prometendo serenidade. Nenhum deles pretendia – disseram – atacar ninguém. Até Ronaldo Caiado declarou com ar de bonzinho: “Vou para um debate, não escolho adversário”. Mas aproveitou a entrevista da chegada, para repetir todas as acusações que vem fazendo ao PT, no caso Lubeca. Lula também disse que ia de espírito desarmado, sem intenção de atacar ninguém. E no seu caso havia uma orientação da assessoria: evitar discussões com Caiado. Mas à chegada, falou assim da candidatura Silvio Santos: “Quero provar que Silvio Santos não é aquele inocente que não sabe o que é jogada política. Quero perguntar onde consegui o meu patrimônio todo e as concessões de televisão. Se não são jogadas políticas, nem sempre são jogadas claras”.

Brizola também falou mansa-

mente: prometeu usar apenas um trunfo:

“Minha experiência, minha boa fé, boa intenção. São minhas armas. Armas muito afiadas”. Mas passou a falar da candidatura Silvio Santos: “Agora vai ficar mais fácil esclarecer à população aquilo que dizíamos sempre do Collor, e que podemos falar agora do Silvio Santos: são dois candidatos de proveta, dois candidatos biônicos, da mídia, inteiramente artificiais”.

A entrevista de Brizola, no pátio da emissora, foi um pouco tumultuada pela chegada do carro trazendo Lula: o motorista avançou sobre os repórteres e chegou a encostar o parachoque em uma jornalista. Mas este pequeno incidente não chegou nem mesmo a ser percebido por um número expressivo de policiais federais que circulavam por ali. Um número “suficiente de homens”, como justificou o delegado da Polícia

Federal que os comandava e não quis dar mais detalhes. Contudo, achou que, se “as coisas esquentarem”, isso seria no palco. “E aí o problema é da Marília Gabriela, não nosso” – ironizou.

Maluf desceu do carro criticando as pesquisas de opinião: agora tem pesquisas para todos os gostos. Vocês não viram? Teve uma até em que o Ulysses ficou em primeiro”. E passou a elogiar o debate que estava para começar, sempre “muito importante”: há conflito de idéias e quem julga é o povo. E eu acho que o povo quer um presidente competente. Acho que eu encarno esse perfil.

O nome de Mário Covas começou a ser gritado às oito da noite, na calçada da emissora. Mais tarde, veio um pessoal de Afif (uma bandeira de Afif jogou longe os óculos de um boneco de Covas, mas as duas “torcidas” não se amofinaram). E exatamente às nove da noite, o primeiro

candidato a surgir foi Afif. Falou do “jogo embolado, ninguém sabe quem está na frente, nas pesquisas de opinião. Disse que não atacaria, mas achava que poderia ser atacado: “Quando a maioria dos candidatos não têm programa de governo, o que sabem fazer é só atacar os outros”.

Covas chegou mais tarde, pouco depois de Maluf. Prometeu manter “o mesmo comportamento dos debates anteriores (no último atacou frontalmente Afif) e disse que não pretendia polemizar com ninguém. À entrada para os estúdios, passou por Maluf, que, de costas, dava uma entrevista. Covas deu um tapinha amigável nas costas do concorrente, que voltou-se, viu quem era, e anunciou-se: O Covas, o Covas”...

E Roberto Freire, o segundo a chegar, falou sobre Silvio Santos: “Seria bom se ele fosse candidato para se discutir quem é astro de tevê ou rainha do rádio”.